

*INUTILIA TRUNCAT*

*Reflexões sobre discurso e criação culturais, hoje*

*Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>*

**Resumo:** No meio do aturdimento de poluição informativa, em mescla com muita informação falsa e discurso de ódio e estigmatização, os pilares de formação – Família, Escola e Comunicação Social – não têm conseguido resistir. No presente artigo discute-se a necessidade de privilegiar aspetos fundamentais, questões essenciais, nomeadamente na educação e na cultura. Sem essa ida ao essencial, as novas gerações serão aprisionadas por questões laterais e presa dos populismos, tecnocracias, ou, simplesmente, na melhor das hipóteses, de erudições estéreis.

**Palavras-Chave:** Cultura, Civilização, Contemporaneidade, Intelectuais, Educação, Comunicação social.

**Abstract:** Amidst the barrage of informative pollution, mixed with so much false information, hate speech, and stigmatization, the pillars of education — Family, School, and Social Communication — have been unable to resist. This article discusses the need to prioritize fundamental aspects, essential issues, particularly in education and culture. Without this focus on the essential, new generations will be trapped by peripheral issues and prey to populism, technocracy, or, at best, simply sterile scholarship.

**Keywords:** Culture, Civilization, Contemporary Times, Intellectuals, Education, Social Communication.

*Simplex sigillum veri.*

Elogiamos, louvamos, *afixamos* a simplicidade (não apenas ecológica, económica, civilizacional, até estética – com os minimalismos), mas não somos nada coerentes no quotidiano e em especial quando entramos em clave cultural, académica e afim. À primeira oportunidade, cedemos ao barroquismo (ou ao “neobarroquismo”, para retomar Omar Calabrese), à obscuridade, à pompa... e à circunstância. E tal pode ocorrer mesmo com ideólogos da prática. Hannah Arendt não deixaria de criticar a Marx (palavras nossas, evidentemente) o empolamento e obscuridade pesadona (decerto o

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. Professor Catedrático da Universidade do Porto (em licença para o exercício da magistratura).

jargão daquele tipo de Filosofia), *à la Hegel*, nos inícios do *Capital*... Do mesmo modo, o antigo Primeiro-ministro britânico Harold Wilson, declarou que não tinha conseguido passar da página dois daquela obra. Isto apesar da sua sólida formação filosófica, política e económica, e toda a sua experiência.

O que deve ainda valer a muitos dos nossos jovens (e a alguns menos jovens) será certamente a leveza virginal de ignorância (como a *tabula rasa* de John Locke), talvez vacina segura contra a erudição e aquela congestão mental proveniente do excesso de informação (e, nos nossos dias principalmente, de desinformação). Alçada Baptista, na sua *Peregrinação Interior*, referiu que, depois de ler *Guerra e Paz*, de Lev Tolstoi, ficara alguém sem coragem de redigir um simples telegrama. Noutros tempos (provavelmente não hoje: tudo mudou muito), havia pelos bancos das universidades alguns jovens *stakanovistas* do saber, que devoravam bibliografias indigestas e nos corredores tentavam timidamente falar com os colegas sobre o que liam, perante o mutismo geral, porque aos demais chegavam os parcos e mal tirados apontamentos das aulas, e, em alguns cursos, as proverbiais “sebentas”, primeiro muito execradas e depois transformadas em manuais de autoria professoral. O que será feito dessas almas sinceras que buscavam o conhecimento com um espírito meramente acumulador, de cabeças bem cheias e nem sempre bem feitas?

Há casos e casos, se consultarmos a memória. Perante a aridez de muitas sebentas (como me delicieei com uma citação da *Divina Comédia*, de Dante, numa sebenta de Direito Administrativo – raio de luz de saber não burocrático! – coisa tão rara...), uma colega caloura inovadora advogou um dia uma pedagogia mais ativa, dita de investigação, com consulta de doutrina, jurisprudência, etc., para além dos estafados códigos e da inevitável sebenta, a que na altura já se chamavam “Lições”, mais dignamente. Recordaria eu essa perspetiva perante as muitas teses que fui elaborando durante a minha carreira académica, e mais ainda as imensas (mas jamais tantas quantas hoje são obrigados a orientar e arguir os docentes na industrialização presente) em que viria a ter participação. Dou graças por em geral terem sido muito boas as teses que me couberam em sorte!

A minha garagem ainda sepulta muitos milhares de fotocópias (legalíssimas, tiradas sobretudo por serviços de biblioteca de Faculdades), dessas tais fontes de que falava a minha colega, para não referir os livros, revistas e separatas que ainda guardo, espalhados por “bibliotecas” minhas ou de empréstimo, nas duas margens do Atlântico...

Falando muito seriamente, até porque o problema é grave: há fontes cristalinas, autores límpidos e iluminadores. Isso é uma festa para o espírito e uma bênção para a prática, no caso de disciplinas com essa dimensão. Mas, a partir de um dado momento, fomos-nos persuadindo (ou somente apercebendo?) que a produção dita científica nas diferentes áreas (jurídicas, sociais, artísticas, humanísticas em geral) que vamos frequentando, se encontra submersa por produção repetitiva, pouquíssimo ou nada inovadora. Ou então para apenas *épater le bourgeois* sem bases sólidas e conhecimentos do imprescindível arsenal do passado – para o que alertava, no Direito, mesmo o grande iconoclasta que foi Luis Alberto Warat.

Tudo isto parece decorrer de um geral pano de fundo de perversão das políticas académicas de alguns países (e que todos parecem com tendência a imitar, *tant bien que mal*), encaminhando-as num sentido burocrático e quantitativista, que foi, v.g., deliciosamente caricaturado na avaliação da qualidade científica a peso de papel produzido por Steven Lukes em *O Curioso Iluminismo do Prof. Caritat*. No fundo, não é a qualidade que interessa, é a quantidade, mitigada com a capacidade de sedução de *blind referees* de revistas, que também se encontram escalonadas entre si, participando de um sistema oficial de pensamento. O chamado “escândalo Sokal” (que não passou despercebido à intelectualidade portuguesa de então) foi interessante evidência de que se podem contornar essas eminências e ludibriar os mais avisados, sobretudo utilizando com habilidade o jargão em curso nas revistas visadas. Os docentes e pesquisadores encontram-se em muitos países com a corda na garganta para fazerem *curricula* pletóricos, de acordo com o famoso “publica ou morres!” (*publish or perish*). É inevitável a queda de nível e a pressa na redação, além de que (mais que tudo) a publicação de muitos trabalhos que jamais veriam a luz do dia, que nunca teriam sido escritos, porque não decorrem de um impulso interior, de uma necessidade. Recordemos o que aconselhou Reine Maria Rilke ao jovem poeta que o procurou... Algo como: “Pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa da sua noite: *‘Preciso de escrever?’* Vasculhe seu íntimo mais profundo, escave até encontrar uma resposta profunda. E se for afirmativa, se puder responder a essa pergunta solene com um forte e simples *‘Sim, preciso’*, então construa a sua vida de acordo com essa necessidade”.

O problema é que muitos precisam de escrever não por imperativo categórico da sua vocação, mas por necessidade alimentar básica da sua profissão.

A partir de um dado momento, começamos também a detetar, com facilidade até, por saltarem aos olhos, deficiências de construção retórica dos trabalhos (*inventio*,

desde logo), erros sintáticos, ortográficos (que os corretores automáticos poderiam ter facilmente evitado), mas sobretudo um estilo aborrecidíssimo, *remoidamente burocratista*, próprio de quem não está entusiasmado com a partilha da aventura do conhecimento e da criação, mas apenas produz para a pilha e para a sobrevivência profissional ou para a obtenção de medidores de produção para obtenção de bolsas e afins.

O verbalismo, as catadupas da péssima erudição *a propos et sans propos*, para não falar na sombra da suspeita de plágio (evidente ou por subtil paráfrase, que parece ser potenciada pelo mau uso da Inteligência Artificial, ao que se diz) – até em trabalhos académicos – tornam a tarefa do pesquisador de fontes secundárias eivada de escolhos e transmitem uma suspeição muito amarga sobre todos esses trabalhos. O jovem que se inicia nestas matérias parece legitimado (embora não o esteja) a puramente perguntar à Inteligência Artificial (por exemplo, ao Chatgpt) como desenvencilhar-se dum qualquer trabalho. Se o novo oráculo lhe dá fontes fiáveis ou até inexistentes (embora as mais das vezes plausíveis, consonantes com o que lhe é perguntado) apenas um professor com brio e rigor poderá descobrir, e assim pôr em evidência a fraude de se citar o que nunca foi publicado sequer...

De toda esta maranha de inquinação das fontes (disso não suspeitaria a nossa colega, na sua ótima intenção) surge também a grande vontade de voltar aos clássicos, de ler os autores originais, de os meditar com cabeça clara e desnublada, e ignorar o mais possível os epígonos e os epígonos dos epígonos. Quer os antigos que estudavam a sério e diretamente bibliografias obtusas, em papel, quer os novos, que acreditam em conversas com máquinas, e seguem a mais preguiçosa lei do menor esforço, já há muito espelhada no lema dos fazedores de teses e obtenção de títulos e graus *quick and dirty*.

Claro que esta dieta relativamente a muito do que se publica não é sem riscos. E tem necessariamente custos. Desde logo (o mesmo ocorre, por exemplo, com as restrições no consumo de redes sociais ou de alguns canais de televisão, que tanto nos confiscam tempo e fazem sintonizar num clima de instabilidade e até de ansiedade e *stress* permanente, com o seu sensacionalismo omnipresente, e cada vez mais discurso de ódio contra bodes expiatórios, polvilhado de imensas *fake news*), se perdem alguns valores. Nem tudo é falso, nem tudo soa a oco, nem tudo é inconsistente... Há, em todas as épocas, quem delas se eleve e as transcenda e à sua circunstância, produzindo trabalhos excelentes. Esperemos que providencialmente esses valores consigam rasgar a rede de olvido, consigam ultrapassar a obscuridade, verdadeira “clandestinidade” a que

são votados pelo *mainstream* comunicacional e da *Fama*. Mas quando consigam passar para a ribalta multicolorida (mas embaciada) do que vai passando, o perigo é serem confundidos com tudo o resto, não se lhes reconhecendo a exceccionalidade.

O problema é que se perde demasiado tempo com materiais supérfluos e até nocivos. Porque, além das deficiências já apontadas, avultam já erros, e por vezes o sacrificar a perspectivas científicas alternativas, seja no campo médico e biológico, seja no terreno histórico, desde logo. Para não falar em formas de esoterismos que podem mais ou menos ir influenciando a até há não muito relativamente assética ciência depurada de outras racionalidades ou irracionalidades.

O que há para conhecer e degustar é tanto (e, fazendo bem as contas: tão excelente, contando com tudo), que é uma dor de alma perder tempo com subprodutos, quer por dever de officio, quer nos escassos tempos livres que quedem aos leitores inseridos no grande sistema de produção e consumo de cultura e ciência. Por isso, há que escolher, escolher muito bem, de forma avara. A vida é curta...

Mesmo autores da melhor cepa que não tenham tido para com o público a mínima atenção ou delicadeza sendo legíveis, pelo menos (já não se pediria que fossem apetecíveis ou sedutores), pessoalmente evitamos, e de há muito. Só se obrigatórios por razões (e deveres) de officio.

Jorge Luis Borges, que organizou uma belíssima “biblioteca pessoal”, com obras que apreciou (excelente critério), dizia que, sendo a leitura uma das formas de felicidade, não se pode obrigar ninguém a ser feliz, e portanto a leitura não deve ser obrigatória e tornar-se um castigo. Não me recordo se mesmo terá dito que depois de umas tantas laudas de sofrimento, o melhor seria pôr de parte uma obra.

Há atualmente que ter cuidado com esta sábia recomendação. O facilitismo e laxismo inculcados pela dinâmica da comunicação social e das redes sociais, assim como a demissão propriamente educativa de muitos agentes da mesma, da família à escola, são de tal forma que a deseducação impera em muitos estratos, transversalmente, sem ser já um problema apenas de rendimentos ou classes. O desconhecimento de vocabulário é tão exuberante (e naturalmente tal redundando em obstáculo e preguiça de leitura, e dela também é consequência) que talvez fosse de criar estratégias de captação para o livro (há algumas, mas mais, muito mais ainda). Apesar de tudo, terá, no contexto atual, de se insistir em ir um tanto mais longe que o proposto por Borges: que se leia e procure entender (e assim apreciar) por mais páginas. Caso contrário, fica a leitura

refêm de livros facilitistas, sensacionalistas, de qualidade as mais das vezes muitíssimo rasteira. Ou até péssima.

Independentemente, porém, das dificuldades contextuais dos nossos tempos muito iletrados, nota-se um abismo colossal entre dois polos: de um lado, uma iliteracia cultural profunda, que veria facilmente à luz com sérias estatísticas a empreender sobre a leitura, e em especial a não meramente lúdica de produtos muito mediaticamente promovidos, ou estritamente profissional de uso imediato, utilitária; de outro lado, uma tendência para o *crypticismo*, já não tanto, agora, no plano literário *tout court* (como outrora ocorreu, e foi verberado pelo movimento *por uma literatura legível*, em que se destacou o nome de Fernão de Magalhães Gonçalves e o seu *Manifesto*), mas no domínio da escrita *lato sensu* científica e mesmo ensaística.

É sempre um regalo para o espírito ler um ensaísta ou um cientista sério, fundamentado, documentado, que se faz entender, tem teses claras e não meramente se arrasta ao peso de opiniões alheias ou dados numéricos cifrados e intermináveis. Quando se lê alguém que tem uma ideia e sabe expô-la, cultivando o prazer do verbo. Tal não tem nada a ver com banalização, trivialização ou divulgação deformadora. Trata-se da delicadeza do autor, da sua capacidade de sintetizar, explicar, e sobretudo de não empolar e complicar.

*Inutilia truncat*, lema da Arcádia Lusitana, tem de ser recuperado e levado hoje muito a sério. Deve começar como máxima a aplicar nas escolas e, no caso concreto do Direito (que melhor conhecemos), é fulcral que o estilo embotado, pesado, eivado de parêntesis nas frases, eriçado de germanismos e retalhado por latinismos, coalhado de notas de rodapé, sempre arrastando consigo as cadeias de pesados volumes abonatórios, seja decisivamente arejado, limado, depurado. E dê lugar a uma prosa mais enxuta, límpida, raciocinada, em que brilhe muito mais a lógica das ideias que o argumento da *auctoritas*, seja de que fonte do direito for, além da Lei e da Constituição, que devem ser a grande bússola.

Isso também poderia contribuir (alguns dos melhores parece o terem já dito) para maior inteligibilidade e celeridade processuais. Não é que esses aspetos, formais em si, seja o mais importante, ao contrário do que eficientismos e utilitarismos rasteiros consideram. Não sendo o alfa e o ómega do processo e da Justiça, essas dimensões são, contudo, muitíssimo importantes, e sobretudo não se pode perder tempo e clareza quando se podem ganhar. Que haja um processo moroso porque é enorme e complexo, que seja. Embora melhor fosse que racionalizado. Não se vai nunca produzir má justiça

para que seja mais rápido. O problema não é esse: é que se poderiam certamente abreviar os “passos em volta” de muito processos simples, onde não há lugar ao espaventar de erudição ou cogitar de questões ociosas, numa imitação perversa do mais estéril que existiu na Universidade...

Se aplicarmos, *mutatis mutandis* (também não se vai abolir de todo o Latim, quando ele é apropriado, o mais apropriado ao caso, pelo menos), estes princípios de economia processual e retórica a outras áreas, cremos que os resultados brilharão pela clareza, economia de tempo, e seleção dos verdadeiramente aptos para a investigação concreta e real (a que interessa) e não para simples “trasladação de ossadas” de que já falava Peter, o do *Princípio de Peter*.

Evidentemente que há um nicho do saber e da sua transmissão para a produção de cartapácios eruditíssimos e em geral muito intragáveis. Há assuntos muito pouco apetecíveis para o comum dos mortais, mesmo da faixa dos que consideraríamos cultos. Do mesmo modo que há lugar para aquela cultura *light* que entretém mais que ainda eleva, o artigozinho leve, curioso apenas, mas sem erros nem deformações da realidade e em língua desempoeirada. Também tem lugar, mesmo para o intelectual, ler algo para desenfado apenas.

Entre um e outro dos géneros (sendo ambos sérios e sem erros), está, porém, a massa mais significativa da *scientia* e da criação (mais que simples e industrial “produção”) intelectual. Devemos cultivar esse meio termo com gosto, com afínco, com aprumo, de forma humanizada, e por isso parcimoniosa. Até porque – lembremo-nos – um só *clic* na Inteligência Artificial e logo nos será devolvida a imitação do discurso, quer resumido, quer farfalhado... Basta dizermos que tamanho nos convém. Aquele *quid* que lhe dá humanidade e o distingue, esse é que é difícil mas urgente preservar, cultivando-o. Mas fazendo-o com calma, simplicidade, carinho, e por vocação, não por obrigação. Por isso se disse e repetiu nos Liceus que a Filosofia nascera do espanto e do ócio. Ambos catalisadores de pensamento e ação muito arredios das nossas sociedades.

#### *Bibliografia mínima:*

- ARENDDT, Hannah — *Homens em tempos sombrios*, trad. port. de Ana Luísa Faria, Lisboa, Relógio D'Água, 1991.  
BAPTISTA, António Alçada — *Peregrinação Interior*, Lisboa, Uranus, 1982, 2 vols.  
CALABRESE, Omar — *A Idade neobarroca*, trad. port., Lisboa., Edições70, 1988.

- GONÇALVES, Fernão de Magalhães — *Manifesto por uma Literatura Legível*, Separata de “Cadernos de Literatura”, Coimbra, 1979.
- LUKES, Steven — *The Curious Enlightenment of Professor Caritat*, Verso, 1995, trad. port. de Teresa Curvelo, revisão de Manuel Joaquim Viera, *O curioso Iluminismo do Professor Caritat*, Lisboa, Gradiva, 1996.
- PETER, Laurence / HULL, Raymond — *O Princípio de Peter*, trad. port. de M. Bento e Patrícia Joyce, Lisboa, Futura, 1973.
- RILKE, Reiner Maria — *Briefe an einen jungen Dichter*, 1929 (póstumo), trad. port. e posfácio de José Miranda Justo, *Cartas a um Jovem Poeta*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Antígona, 2016.
- SCHUMACHER, E. F. — *Small is Beautiful*, 6.<sup>a</sup> reimp., Londres, Blond & Briggs, 1976, trad. port. de Octávio Alves Velho, *O Negócio é ser Pequeno. Um Estudo de Economia que leva em conta as pessoas*, Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- WARAT, Luis Alberto — “Una Presentación, un Testimonio”, in Luiz Fernando COELHO, *Teoría Crítica del Derecho*, 4.<sup>a</sup> ed., 1.<sup>a</sup> reimp., castelhana, Curitiba, Juruá, 2013.

Recebido para publicação em 19-06-25; aceito em 19-07-25